

RELATO DE EXPERIÊNCIA: GRUPO DE ESTUDOS VIVÊNCIAS TRANS NA UNIVERSIDADE

Iris Gomes Bonato Lopes de Assis¹

Paola Gragnolati Fernandes²

Sirlândia Schappo³

INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira na atualidade, observa-se que pessoas transgênero ainda convivem diariamente com diversas formas de violência, sejam elas opressões como o desrespeito do pronome, a proibição de usar os banheiros públicos de acordo com seu gênero ou até casos de violência física e morte. A Universidade, embora seja um ambiente de formação e produção de conhecimento, se configura como um reflexo da sociedade, ou seja, não está isenta de qualquer tipo de opressão, muito pelo contrário, pode ser um ambiente extremamente violento e excludente para alguns grupos que a acessam. São vários os relatos e as denúncias de pessoas trans⁴ dentro da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que se localiza em um dos estados mais conservadores e violentos para as minorias sociais.

Dito isso, o grupo de estudos “Vivências Trans na Universidade”, foi construído em 2023 a partir da necessidade de debate acerca do tema, percebida por três estudantes da graduação em Serviço Social na UFSC e bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) do mesmo curso, visto que o tema ainda é pouco discutido dentro da graduação, por núcleos de pesquisa e extensão da Universidade,

1 Graduande do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC e bolsista do PET Serviço Social da UFSC, ac.bonato.assis@gmail.com;

2 Graduanda pelo Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e bolsista do PET Serviço Social da UFSC, paolagfernandes2@gmail.com;

3 Professora Orientadora e Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2008), Docente do Departamento de Serviço Social da UFSC e Tutora do PET Serviço Social da UFSC: sschappo@gmail.com

4 Trans, vale ressaltar que é usado como conceito guarda-chuva para tentarmos englobar diversos tipos de existências e expressões, portanto isto inclui pessoas travestis, transmasculinas, transfemininas, não-binaries, agênero, queer, etc.

e em formações profissionais. A falta de estudo e socialização do tema leva a invisibilidade dessas pessoas dentro do ambiente acadêmico e conseqüentemente o aumento de violências, às quais se agravam com a negligência e burocratização por parte das instituições.

Para além da ampliação do debate e do conhecimento acerca do tema, criar um espaço seguro e de acolhimento às pessoas trans foi um dos principais objetivos do grupo, tendo em vista a falta, já citada anteriormente, desses espaços na Universidade. Portanto, o grupo foi construído em conjunto com estudantes da Rede Trans UFSC, um coletivo político estudantil de pessoas trans, composto por pessoas de diversos cursos da UFSC, coletivo esse que impulsiona e trava diversas lutas em relação ao acesso e a permanência desses estudantes. Cabe destacar as lutas que resultaram na aprovação pelo Conselho Universitário (CUUn) da UFSC em 8 de agosto de 2023 da política institucional de ações afirmativas para pessoas transexuais, travestis, transmasculinas, transgêneras e não-binárias.

Importante ressaltar que o grupo de estudos “Vivências Trans na Universidade” priorizou a inscrição de estudantes transgênero, considerando que a identificação no espaço também é algo de extrema importância para o conforto e ampliação do debate aos estudantes que vivenciam tais realidades diariamente, principalmente, quando as pautas atravessam suas existências. Porém, não descartamos a entrada de pessoas CIS no grupo, justamente por acreditarmos que a luta antitransfobia também deve ser intersseccionalizada entre as diversidades de gênero, raça e classe, algo coletivamente discutido. No total, o grupo de estudos contou com dezessete pessoas inscritas, três convidadas da Rede Trans UFSC, os três petianos organizadores e a professora tutora do PET.

O grupo foi dividido em três encontros, onde o primeiro foi direcionado ao debate sobre Mulheres trans, travestis e não-binárias, o segundo a homens trans, trans masculinos e não-binários, e o último foi em relação à permanência qualitativa da comunidade trans na Universidade. Durante os encontros, diversos foram os relatos pessoais de transfobia dentro do ambiente acadêmico, com professores, colegas, funcionários da instituição, mas para além disso, o debate político e as reflexões a partir dos aportes teóricos foram considerados pela comissão organizadora e pelo grupo PET, dentro de suas avaliações, como algo muito qualitativo, pois gerou diversos encaminhamentos interessantes durante os dias propostos.

Entendemos que os impactos do grupo de estudos para a discussão sobre a questão e para as pessoas trans ainda foi algo incipiente mediante a complexidade da questão de gênero dentro da sociedade capitalista, porém acreditamos ter sido fundamental para qualificar os debates e direcionar questionamentos sobre a estrutura universitária que tanto é um reflexo de nossa sociedade. É real

a invisibilidade, perseguição, violência psicológica, física e até a morte da população trans no Brasil. A partir das experiências, depoimentos e debates vivenciados no grupo de estudos, pode-se aferir a relevância de debater maneiras de preservar vidas trans e garantir sua produção de saberes e seu acesso a instituições de ensino como um todo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para a realização do grupo de estudos e de outras atividades relacionadas à temática, primeiramente foi feita uma análise bibliográfica, recorrendo às seguintes obras de apoio: *Feminismos Plurais – Tranfeminismos*, de Letícia Nascimento e *Manifesto transfeminista*, de Emi Koyama; *Homens trans: Novos matizes na aquarela das masculinidades?*, de Guilherme Almeida; *Existe ‘universidade’ em pajubá? Transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans*, de Brume Dezembro Iazzetti. Após a seleção dos textos de referência, a comissão organizadora planejou a metodologia dos três dias de encontro, a fim de planejar com qualidade as intenções e direcionar melhor o tempo do encontro.

O primeiro encontro, no dia 16/05/2023, iniciou com músicas de artistas trans tanto locais quanto nacionais, com a intencionalidade de proporcionar a propagação da cultura no espaço e manter um ambiente de maior descontração e aconchego. Após o momento a comissão organizadora apresentou a proposta pensada ao grupo e iniciou com uma roda de apresentação individual, nela foi feito por todos a autodescrição de si, a fim de garantir maior acessibilidade no local e após a apresentação do nome, fase, movimentos que fazem parte, idade e cidade de origem. Também foi feita outra dinâmica de acolhimento, a qual pedimos que falassem o porquê da escolha de seu nome (qual o significado e o que ele representava). Por fim, a comissão organizadora fez uma contextualização do texto que seria debatido no dia, “*Feminismos Plurais - Transfeminismo*” de Letícia Nascimento e “*Manifesto Transfeminista*” de Emi Koyama para começar os debates sobre o assunto.

Os outros dois encontros (do dia 23/05/2023 e 30/05/2023) não foram diferentes, o que foi mais alterado foram as dinâmicas de acolhimento e os textos apresentados. No dia 23/05/2023 foi feita uma apresentação sobre o que é o gênero, onde cada pessoa presente escreveu em um post-it o que viesse em sua cabeça quando pensava na palavra “gênero” e após ocorreu um debate sobre o que foi escrito e as concepções de cada sujeito presente foram abertas ao coletivo, e o texto apresentado foi “*Homens Trans’: Novos matizes na aquarela das masculinidades?*” de Guilherme Almeida.

Já a do dia 30/05/2023 o diferencial proposto foi a intervenção que finalizaria o encontro pelo coletivo político de cultura na cidade de Florianópolis-SC Slam Cruz e Sousa, que apresentaria poesias vinculadas ao tema para o grupo, de maneira a instigar a cultura enquanto um instrumento político e expressivo, porém infelizmente o coletivo não conseguiu estar presente, mas a proposta metodológica ainda permanece ativa para futuras intervenções. Foi abordado também uma importante discussão pensada para a realização de um quarto encontro futuro, com intuito de debater sobre alguma produção de audiovisual que tratasse das vivências da população trans. Foi efetivado a partir do “Cine Debate: Vivências Trans na Universidade”, realizado no dia 19/09/2023 com o documentário “Transversais” presente na plataforma de *streaming Netflix* e o texto apresentado foi “Existe ‘universidade’ em Pajubá? Transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans” de Brume Iazzetti.

O saldo dos encontros foram extremamente qualitativos, pois a metodologia e os encontros semanais nos ajudaram a ter uma maior aproximação com as pessoas presentes e um debate mais qualitativo sobre os assuntos propostos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os pontos para debate em relação aos textos foram inúmeros, porém os principais em relação aos textos “Feminismos Plurais - Transfeminismo” de Letícia Nascimento e “Manifesto Transfeminista” de Emi Koyama girou em torno da emancipação do feminismo para as inúmeras formas de ser mulher a partir de premissas base como o direito de definir e expressar sua própria identidade, tomar decisões sobre seu corpo e debater sobre a pressão social que corpos trans sofrem dentro do sistema binário, principalmente, quando se trata do julgamento social e cultural se são ou não mulheres/homens o suficiente.

Outros pontos debatidos foram, a diferença entre violências com mulheres cis e mulheres trans, movimentos que geralmente não são televisionados e nem levados a sério, ainda mais em ambientes como o da prostituição, a qual mulheres trans e travestis se veem na necessidade financeira de sobreviver nesses trabalhos sem nenhuma segurança, e nessa situação altamente violenta, sem que haja críticas efetivas do porque estão em situações de empregos sexuais extremamente insalubres, e sem nenhuma garantia de direitos humanitários, muito menos na proteção de sua saúde física e psicológica.

Porém, nas discussões sobre esses dois textos houveram diversas críticas, por não abordarem a questão da raça que vem tão interligada com a questão de gênero principalmente quando observamos que na conjuntura brasileira são as

mulheres travestis negras as que mais tem a sua humanidade negada, por nossa estrutura capitalista altamente racista e transfóbica. Outra crítica foi ao livro “Feminismos Plurais - Transfeminismo” de Leticia Nascimento por reduzir a discussão de gênero e do transfeminismo, e não incluir também outras intersecções importantes para o debate.

Já no texto “‘Homens Trans’: Novos matizes na aquarela das masculinidades?” de Guilherme Almeida a discussão girou em torno do conceito de masculinidades e as diversas formas de expressão. O autor usa muito o exemplo de “uma caixa com caixas dentro” e o quanto a sociedade reduz o homem trans a apenas uma forma de ser, foi debatido que isso pode ser pelas faltas de discussão acerca do tema do ser masculino e o quanto falta reconhecimento e visibilidade para essas existências, ainda mais quando se fala do “ser masculino” dentro da perspectiva de raça, que é tão subjugada por lacunas de um existir agressivo e hiperssexualizado.

No debate foi pontuado a compreensão das diferenças, como a cultural, marcadores de origem, classe, geração, trajetória sexual e reprodutiva, social, raça e etnia, em relação a corpos PCD’s, entre muitas outras. Além das expectativas que são colocadas de outras pessoas a corpos trans, para que sigam determinada forma de agir e o medo que homens trans e transmasculinos tem em reproduzir a masculinidade que foi estruturalmente ensinada de como ser um homem cis. Alguns questionamentos norteadores para o debate foram: Quem produz conhecimento sobre homens trans/transmasculinos? O que é ser um homem de verdade? Quem nomeia o homem trans/transmasculino? Como discutimos masculinidades múltiplas?

Por fim, a discussão sobre o texto “Existe ‘universidade’ em Pajubá? Transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans” de Brume Iazzetti foi qualitativa pela Política de Ações Afirmativas para pessoas trans, travestis e não binárias na UFSC, a qual estava em discussão, e que foi a base para discussão do material teórico separado. A dissertação utiliza de relatos de várias pessoas trans, com corpos e histórias diferentes, o que gera um diverso entendimento dos atravessamentos que tais pessoas encontram ao acessar uma instituição de ensino superior, principalmente ao se considerar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe.

Um dos principais pontos iniciais para a construção do debate surgiu dos inúmeros apontamentos da falta de respeito em relação ao nome social e pronomes, algo básico para a identificação e visibilidade das pessoas. Essa invisibilidade, muitas vezes aparece de maneira sutil aos olhos de pessoas cis ou da própria instituição, mas se expressa de forma extremamente violenta a quem sofre, ao ter

sua identidade negada. Além de que na UFSC, o uso do nome social não é algo de acesso somente a população trans, e a subnotificação dos dados, já que a Universidade utiliza dessa ferramenta para quantificar a existência de estudantes trans dentro do ambiente acadêmico. Desse modo, concluiu-se a importância de um sistema integrado de informações, que notifique a realidade, pois para a construção de políticas públicas efetivas, é necessária a quantificação dentro de um sistema burocrático como a Universidade.

Outro ponto que a autora do texto traz, é o “ato de encarar”, muitas vezes representando uma certa repulsa pelos corpos trans, e que coloca esses corpos em lugares de objetificação e sexualização extrema, relacionado a uma atração, algo exótico e não humano. Essa objetificação leva a uma grande pressão sobre pessoas trans para atingir as expectativas de gênero que existem na sociedade binária na qual estão inseridos, onde existe uma normativa cis e branca que define quem são as pessoas detentoras de direitos, e o que é o “diferente”.

Outra pontuação válida, foi a de que as políticas de permanência para pessoas trans vem sendo construída desde 2019, mas que são produzidas em sua grande maioria por pessoas brancas e cis, e como isso reflete em um certo tipo de objetificação do estudo em cima de pessoas trans, negras, indígenas, pcd's e outras populações marginalizadas, e o quanto isso é prejudicial tanto para a produção daquele conhecimento, quanto para a população que é colocada em um lugar de “ser estudada”. Portanto, é importante que pessoas trans se insiram cada vez mais em ambientes como projetos de pesquisa e extensão, principalmente porque esses ambientes possibilitam à pessoa um currículo acadêmico, além da valorização necessária de produções dessas pessoas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a avaliação do grupo de estudos, o coletivo apontou diversas necessidades, dentre elas estava o processo urgente e necessário de formação com docentes, técnicos e corpo universitário, devido a quantidade de relatos que apresentavam um quantitativo absurdo de violações advindas destes profissionais, ou até mesmo de estudantes. A proposta de formação também se torna importante, pois a profissão de Assistente Social trabalha diretamente com o usuário, neste caso, atendendo pessoas trans e por muitas vezes pessoas trans negras que são diariamente atravessadas pelo sistema capitalista altamente transfóbico e racista, essa falta de capacitação dificulta a atuação profissional e um atendimento visando a garantia de direitos, perde-se o movimento ético de respeitar a existência desse indivíduo altamente violado e vulnerável.

Para além disso, a política de permanência para a comunidade trans foi algo muito debatido, pois durante o grupo de estudos, a Política de Ações Afirmativas para pessoas trans, travestis e não binárias na UFSC estava em construção. Ela visa o acesso através das cotas e a permanência qualitativa destas pessoas e propõe a discussão nas diversas instâncias da UFSC, no nosso grupo não foi diferente, tivemos um debate profundo sobre como estudantes trans conseguiriam acessar a universidade através das cotas propostas na política e para além do acesso, como essas pessoas permanecem nesse ambiente tão violento e burocrático.

A minuta da política foi aprovada logo em seguida, em agosto de 2023, o que foi um avanço enorme para alunes da UFSC, mas que ainda carece de políticas de permanência realmente efetivas, pois se sabe que o número de evasão da população trans, negra, indígena, quilombola, PCD's, de estudantes cuidadores de crianças e todos os grupos estruturalmente atravessados é grande dentro dos ambientes universitários.

Outro ponto importante foi o debate acerca da “abertura dos muros” da universidade, e meios de vincular o acesso de movimentos políticos, culturais, comunitários e coletivos na produção de conhecimento da UFSC. Algo muito debatido e pensado foi em como seria possível uma parceria com esses movimentos, e que se consiga levar grupos que muitas vezes nunca estiveram na Universidade, para elencar seus saberes e vivências, a fim de produzir política e conhecimento com uma troca coletivizada. Por muitas vezes, a colocação desses grupos como objetos de estudo e o academicismo existente no ensino superior afasta os mesmos, que possuem contribuições extremamente qualitativas para diversos temas. O ambiente acadêmico ainda é elitista, cis e branco, e inferioriza produção de conhecimento por parte desses grupos.

É dever do corpo universitário o apoio a movimentos políticos, culturais e comunitários, dando apoio aos coletivos, incentivando a produção dos diversos tipos de saberes e a publicação/apresentação de estudantes trans em ambientes que ampliem a discussão, como congressos, seminários, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização do grupo de estudos, a comissão organizadora elaborou a proposta de um CinePET, já citado anteriormente, atividade onde uma obra audiovisual - filme, documentário, vídeo, etc. - é apresentado, e feito um debate em cima disso. Para garantir a participação dos estudantes presentes no grupo de estudos, a proposta de vídeo a ser apresentado foi feita durante os encontros, e após votação, o documentário brasileiro “Tranversais”, disponível na Netflix,

foi escolhido para o CinePET, que ocorreu no segundo semestre deste mesmo ano. O documentário retrata a vida cotidiana de cinco pessoas de lugares e classes diferentes, atravessadas durante sua vida pela transexualidade, o que gerou inquietação nos estudantes, mesmo com uma quantidade reduzida dos que estavam presentes, e fez com que o espaço fosse qualitativo e proveitoso.

Além desta atividade, ainda há a ideia de realizar a semana anti transfobia no curso, uma semana na qual tanto o PET SSO, quanto os coletivos: Coletivo Trans De Serviço Social Demétrio Campos, Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida e o Centro Acadêmico Livre de Serviço Social (CALISS), farão atividades de formação, conscientização, integração e fomentação a cultura, devido aos diversos relatos de violência que ocorreram no semestre em questão. A partir do grupo de estudos, tendo em vista as diversas demandas que foram percebidas nos debates e com a organização destes mesmos estudantes, também foi criado o Coletivo Trans de Serviço Social Demétrio Campos, primeiro coletivo trans do Serviço Social na UFSC a se formar, um momento histórico é realmente importante para a ação acadêmica e profissional do Serviço Social em Florianópolis - SC, e que vem para reforçar a permanência dessas inúmeras vivências.

A permanência estudantil, de forma qualitativa, foi uma das principais conclusões a que o grupo chegou, visto que afeta diariamente a vida destes estudantes. É de extrema urgência e importância que políticas que visem a possível conclusão do curso sejam criadas e efetivadas na prática, para que o número de evasão por parte dessas pessoas trans se atenuem, e que a Universidade e o ambiente acadêmico sejam cada vez mais inclusivo e aberto, para que mais pessoas trans acessem, se formem, sigam nas áreas de trabalho, e produzam conhecimento, materiais acadêmicos e seus inúmeros saberes.

Palavras-chave: Grupo de Estudos; Trans; Vivências; Universidade; PET SSO.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente ao grupo PET de Serviço Social da UFSC, que nos possibilitou a criação deste grupo de estudos, e de outras atividades relacionadas, e também ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) pelo financiamento do PET. Agradecemos a Júlia Vitória dos Santos Silva, ex petiana, formada em Serviço Social pela UFSC e que participou de toda a criação e organização do grupo. E por fim, agradecemos a Rede Trans UFSC, especialmente a Mariana Franco Fuckner, Mirê Sanchez Chagas e Melina Maria Martins da Silva, que participaram dos encontros de forma assertiva e que foram de extrema importância para a realização do grupo. Nossa luta continua de maneira crítica

e resistente, esperamos que essa atividade seja só o começo de tantas outras, seguiremos em coletivo para atingir o que queremos: uma universidade popular, gratuita e de qualidade a corpos que são escanteados pelas tantas discriminações institucionais que perpassam no nosso dia a dia. Vida longa às vivências trans das diversas universidades do país!

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Letícia. *Feminismos Plurais: Transfeminismos*. Primeira edição. São Paulo. Jandaíra, 2021.

KOYAMA, Emi. *Manifesto Tranfeminista*. The transfeminist manifesto. Eminism.org, 2001.

ALMEIDA, Guilherme. *Homens Trans: Novos matizes da aquarela das masculinidades?* Revista estudos feministas. Florianópolis, volume 20.

IAZZETTI, Brume Dezembro. *Existe 'universidade' em Pajubá? Transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans*. 2021. Dissertação (mestrado) – Curso de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.